

## REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS HISTÓRIAS DE MAURICIO DE SOUSA: PERSPECTIVAS DE TRABALHO MULTIDISCIPLINAR

## BLACK REPRESENTATIVENESS IN THE STORIES OF MAURICIO DE SOUSA: PERSPECTIVES OF MULTIDISCIPLINARY WORK

Dilson Cesar Leal Ribeiro<sup>1</sup> - dilsonlealribeiro@hotmail.com

Rosemar Eurico Coenga<sup>2</sup> - rcoenga@gmail.com

GT 15 – Relações Raciais e Educação

### Resumo:

Uma reflexão acerca de como as questões, discussões e representações referentes ao negro brasileiro e suas perspectivas são retratadas no universo das histórias em quadrinhos, aqui especificamente, ilustradas, propostas e apresentadas por Maurício de Sousa, cartunista que há mais de 50 anos está presente em nosso cotidiano trazendo temas pertinentes e recorrentes em nossa sociedade, tais como: cultura e meio, família e educação, costumes e regionalismos, atualidades, bem como, outros assuntos que apareceram ao longo destas décadas, também, a realidade brasileira e por extensão a representatividade negra presente na construção da história do nosso país. Discute-se a possibilidade de um trabalho multidisciplinar na escola, com propostas alternativas ao processo educativo, no que tange a escolarização e todos os seus aspectos, métodos de ensino, e, o sistema de avaliação da aprendizagem. Em sala de aula, observando e notando: a concepção e entendimento sobre mundo e o meio em que a criança/adolescente vive, a utilização da escrita e da leitura como formas de desenvolver capacidades intelecto-cognitivas, e, a formação do indivíduo transformador de sua realidade e protagonista da sua própria história.

**Palavras-chave:** Ensino; História em quadrinhos; Mauricio de Sousa; Multidisciplinaridade, Representatividade negra.

### Introdução

A cultura negra passou por diversos períodos na história, tempos de segregação, de julgamento, de descaso e desprezo. Contudo, ela conseguiu sobreviver aos anos de dor e escravidão, condições de despersonalização, e mostra o quanto é importante a participação e presença do negro ao longo dos idos da civilização humana.

Seu lugar e espaço, tratamentos recebidos, distinções e segregações, ofensas, humilhações sofridas, fazem parte dessa trajetória vivida ao longo dos séculos, todavia, há páginas realçando movimentos, grupos e personalidades que de certo modo conseguiram

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Associação ampla IFMT-UNIC. Universidade de Cuiabá. E-mail: dilsonlealribeiro@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Doutorando pela Universidade de São Paulo. Universidade de Cuiabá. E-mail: rcoenga@gmail.com

marcar o seu nome na história, tanto mundial, quanto brasileira. Ainda que com percalços, dificuldades e limitações às ascensões sociais.

Os cenários que se formaram e o descortinar de condições nada favoráveis, e, somado a esses fatores, à visão que muitos tinham e tem sobre a referida etnia, são questões que vão e voltam às discussões atuais, registram sobremaneira muitas polêmicas e discursos díspares a respeito do tema. E, não obstante, estão envolvidos, principalmente, ao pertencimento (ou sensação deste) à uma comunidade. Observemos esta manifestação:

“O homem cria representações simbólicas que reconhece, mas também representações simbólicas que lhe escapam após tê-las concebido. Trata-se de formas de consciência determinadas historicamente e, conseqüentemente, desprovidas de sua própria memória. Desse modo, têm a capacidade de subjugar, individual ou coletivamente o próprio sujeito as criou.” (MOORE, 2007, 244).

Inicialmente, o processo de identificação do indivíduo e sua socialização. Arena e Lopes (2013, 1156), entendem que este exercício ocorre pelo modo que o indivíduo se relaciona com os grupos (família, amigos, colegas de trabalho), colaborando para a construção da identidade social, étnica, e, também, pela sua singularidade, sua posição única no mundo.

Essa edificação das afinidades circunda aspectos que versam sobre: as relações entre os iguais e suas reais aproximações, as segmentações que se concretizam, o sentimento de ser reconhecido enquanto pessoa, corroboram para a existência de um perfil ou de algo que possa ser caracterizado como próximo do assemelhar esperado no que tange à comprovação existencial.

Sobre a identidade negra, Gomes (2002, 2), entende-a como uma construção política, pois, a autoafirmação entendida como tal, no Brasil, não está resumida somente à cor da pele, mas também, ao fazer isto, se assume uma postura perante a sociedade, visto que o indivíduo com uma identidade afirmada se torna, de certa maneira, um ente que questiona os modelos imperativos.

A questão do preconceito de cor perdura na sociedade brasileira. Referente a este assunto segue-se a seguinte afirmação:

"O Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião [...]". E a autora completou que "Sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do diferente [...]" (CARNEIRO, 2003, 5).

É fundamental para a compreensão da problemática da pessoa negra, o conhecimento da maneira como ela desenvolve sua identidade, principalmente em contextos coletivos adversos nos quais é discriminada negativamente, na tentativa de não distinção no que tange ao sexo, descendência, classe ou condição socioeconômica.

Em relação às circunstâncias logo anteriormente citadas, acrescentam-se: os significados e os sentidos (suas construções e constituições), referências e influências (aprendizados e legados), objetivos e solidez (alcances, mudanças e transformações); visto às necessidades, recorrências e reclames existentes ao longo dos tempos, vistos e experimentados pela população imediatamente reportada.

A construção de valores de inclusão e igualdade, os avanços e conquistas percebidos nas distintas camadas sociais de nosso país quanto ao preconceito e o racismo, tentando diminuir as expressões e manifestações de menosprezo ou diminuição em relação a uma determinada etnia, buscando assim a construção de uma sociedade mais igualitária.

Essa busca, tem o seu alicerce no bem comum e nos meios e disposições para ajudar uns aos outros, promovendo a coletividade, visando as garantias e oportunidades a todas as pessoas, indistintamente, nos âmbitos: social, econômico e político; onde a harmonia entre os seres possa estabelecer a paz e o respeito sem o apelo das preocupações referentes a pele.

A questão do prejulgamento em relação a cor perdura na sociedade brasileira. Referente a este assunto segue-se a seguinte afirmação:

Sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do diferente (CARNEIRO, 2003, 5).

As determinações acerca das associações e compatibilidades presentes neste contexto, perpassam por aspectos de caracteres distintos, com grafo em lugares, tempos, pessoas e sociedade, orientando rumos, e sendo por estes orientados.

## **2 Relações étnico-raciais**

No Brasil, há uma variada e complexa composição de etnias, e com estas, suas raízes, tradições, hábitos e costumes, que contribuíram sobremaneira para a construção e desenvolvimento deste imenso país-continente. Assim, estão presente continuamente no que diz respeito ao tratamento e relacionamento entre os pares e outros, com valorização disto e

precarização daquilo, em muitos casos, estabelecidos por conta do pertencimento de um grupo, povo ou ascendência.

Sobre essa complexidade há de se destacar: o impacto em si, e deste para com a sociedade; a cultura (ou até mesmo aculturação) de práticas comuns ou cotidianas dentro de um grupo, povo ou comunidade específica, movimentos constantes ou isolados na busca de consolidação de suas representatividades e das vozes que dão coro a um objetivo ou conquista.

As relações étnico-raciais são formadas historicamente mediante a construção de imagens e representações sociais, reforçadas pela seguinte afirmação:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (Hall, 1997, 6).

Estes modelos de reproduções das culturas humanas, trazem e traduzem significados e valores as diferentes gentes e suas pessoas, proporcionando interações, conhecimentos, olhares compartilhados para um determinado assunto ou bem comum, buscando aproximar e dirimir as distâncias, facilitando o processo de convivência, de grande valia para o respeito mútuo e o espaço que cada um ocupa num determinado lugar.

Ora, o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo binarismo identitários, ou seja, uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. Para efeito, e, por estudos recorrentes:

“Desse modo, a presença do negro na sociedade escravista brasileira não pode ser medida apenas pela influência na criação de hábitos e pela participação no trabalho e na formação da cultura nacional, mas também por sua atuação cotidiana no processo penoso e difícil de conquista da liberdade e de recuperação de sua identidade”. (1988, 13).

O racismo é assim uma forma de negação ou de e mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças, infringindo o que Memmi (1997, 81) chama de “a marca do plural”, anunciando a descaracterização do indivíduo aqui apresentado.

A construção de uma identidade, livremente da cor da pessoa, perpassa pelas relações estáveis e práticas relacionadas de um determinado grupo social ou sujeitos, onde, racismo e preconceito são entendidos como ações ou omissões que violam direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, em função da raça, do sexo, da idade, da opção religiosa e outros.

Considerada como a prática do racismo e a materialização do preconceito, a discriminação, correspondem a ações e práticas relacionadas a determinados sujeitos ou grupos sociais. Tal conceito, também é designado como uma conduta -ação ou omissão -que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa e outros (SANTA' ANA, 2005, 65).

Persistências e resistências presentes pelo mundo afora, e bastantes significativas nas discussões e ponderações referentes as tratativas das relações raciais, indicando conjuntamente, desigualdades e discriminações por conta da etnia de um povo, uma comunidade, ou uma pessoa, pois, ao mesmo tempo temos esclarecimentos, desencontros e incompreensões acerca do assunto.

As identificações e seus processos identitários são importantes para a formação e desenvolvimento social e intelecto-cognitivo de qualquer indivíduo, seja pela semelhança, pela aproximação dos interesses, por buscas em comum, também, por uma eficaz e objetiva interatividade com o seu meio e seus próximos, isto acontecendo e gradualmente sendo moldado pelas instruções e orientações decorrentes desde a tenra idade, e aos passos dados nas demais fases da vida.

Em seus estudos sobre o trato dado a Educação Infantil no Brasil, principalmente no que se refere a questão racial, Cavalleiro (2001, 17) aponta que a experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança, pois, facilita o processo de convívio com outras pessoas, além do grupo familiar, também, diferentes compreensões sobre o mundo.

Por conseguinte, reitera Gomes (1995, 60) que ao final do processo de socialização a criança já é capaz de dominar o mundo a sua volta, e ainda, já adquiriu as características fundamentais de sua personalidade e identidade. Definindo as qualidades que definem o seu ser individual e as características que irão distingui-la das demais.

Santos e Sanches (2011, 74), reconhecem as dificuldades que as crianças negras enfrentam ao longo da vida, por conta da perpetuação de uma ideologia racista imposta pela sociedade, e, assim, reproduzida nas escolas, observando que tal postura deva ser objeto de

reflexão no cotidiano escolar, uma vez que ao afetar especificamente estas crianças, quais serão os traumas e prejuízos que isto pode trazer para o futuro destas.

Na referente perspectiva é possível inferir que a instituição escolar deverá ser o espaço privilegiado de uma socialização, proporcionando às crianças uma convivência harmoniosa entre todos na escola, respeitando sua cultura, suas particularidades e seu modo singular de ver e pensar o mundo. Pelo já sabido e recorrido modo que cada um tem de interpretar o viver o meio em sua volta.

### **3 Personagens negros nos quadrinhos de Mauricio de Sousa**

Para Agostinho (2018, 5) as histórias em quadrinhos trabalham com a ficção, porém, atribuem consigo os componentes que certificam a realidade, tanto pelo elóquio da escrita em si, quanto pela apresentação visual, que concebem uma visão do dia a dia, esta influenciada pelos estereótipos existentes nos ícones da cultura de massa.

Ao abordar as histórias em quadrinhos, importante salientar como os personagens negros foram inseridos nessa conjuntura, pois, é preciso saber e perceber de que forma isso ocorreu, a aceitação, pelo público em geral, e, de que maneira ganhou espaço e destaque, tal qual os heróis ou protagonistas de origem branca ou outra etnia, que não a afro.

Weschenfelder (2013, 68), afirma que desde o surgimento das histórias em quadrinhos, os personagens negros sempre estiveram presentes em suas páginas. Estes personagens tinham papéis limitados, apareciam sempre como coadjuvantes e personagens cômicos, sempre foram interpretados de forma estereotipada e racista.

Os quadrinhos são trabalhos que contam histórias, desenvolvem heróis e vilões, promovem narrativas e ideias, com ações, condutas e acontecimentos da humanidade ao longo dos tempos ou determinadas épocas, tomando parte do lúdico de crianças e adultos, proporcionando educação e entretenimento, áreas que conjuntamente trabalhadas facilitam o foco, a aprendizagem e a satisfação.

Santos (2013, 1), aponta que a literatura é um dos elementos para consolidar os valores da nacionalidade, por trazer em seu cerne crenças e percepções pessoais, possibilitando aos indivíduos a reflexão acerca do seu modo de ver a vida e de estar no mundo, com isso, gradualmente, construindo suas concepções e entendimentos sobre os mais variados temas e assuntos.

Partindo do propósito de ler, a literatura tem um papel de suma excelência para a sociedade, visto sua essência, em proporcionar momentos prazerosos, “viagens”, no tempo e

espaço, além de auxiliar no avanço racional do indivíduo, promovendo a criticidade e abrindo a mente para a visualização de novos horizontes, garantido a abertura de ideias e formulação de novos pensamentos. Tal apontamento ganha reforço nas seguintes palavras:

“O ato de ler faz com que o indivíduo leitor tenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, desde política até assuntos relacionados à culinária. Desta forma, se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto”. (ARANA; KLEBIS, 2015, 2).

No que diz respeito a Mauricio de Sousa, as relações etno-raciais foram e são apontadas pelo desenhista, e suas histórias trazem ao longo destes tempos, personagens e situações vividas por representantes negros e suas famílias, indicadores sociais recorrentes e sentidos pela etnia afrodescendente, trazendo assim, reflexões sobre as histórias contadas e sua moral em si.

Então, em 1960, Maurício de Sousa apresenta o personagem Jeremias, renomado pela sua perspicácia, fome de aprender e companheirismo, com seu eterno bonezinho vermelho (na qual sempre usa por vergonha de mostrar sua quase carequinha de poucos fios crespos), tal aspecto de sua vida foi perdendo espaço para a presença de um valoroso garoto negro.

Conforme observa Silva (2014), na referida década, o Brasil se depara com o movimento político onde as Forças Armadas Brasileiras assumem o poder por meio de um golpe civil militar, dando início em país ao período da ditadura militar, que trazia em seu cerne diretrizes nacionalistas e desenvolvimentistas, impondo então, um governo de regime autoritário.

Destacou-se como justificativa animosa para tal ação, o medo que a aristocracia existente naquela época fosse vencida e alterada, conseqüentemente o sistema socialista seria implantado e assim os empresários e membros das mídias estariam reféns da tão temida defesa da igualdade, redefinindo a ideia de justiça social, possibilitando a transformação numa sociedade.

Retomando a referência ao personagem Jeremias, nesta busca da construção das igualdades e combates às intolerâncias, o fato de ser o primeiro personagem negro da Turma da Mônica, e um dos únicos fixos, demonstra o poder que sua história participativa nos quadrinhos infantis da Turma formulou uma diversa representatividade.

Nesse período, Jeremias, conforme observa Agostinho (2018, 7), tinha uma representação em que ele dialogava com os acontecimentos socioculturais da época, com

referências aos tais feitas nas tirinhas, e que, também pondera o autor, de certa maneira, pela forma e padrão como este personagem fora desenhado, uma ideia da deformação com que os negros e as comunidades negras são frequentemente apresentados na indústria cultural.

Tempos depois, por apresentar um desenvolvimento militante, ganhou uma *Graphic MSP* de mesmo nome intitulada "Pele", lançada em 2018 por Rafael Calça, na edição especial, o personagem lida com o racismo, recheada de dor, superação, aprendizado e preparação para a vida...

Retomando com a proposta, nos anos 1970, idealizado de conversas entre Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, e o Maurício de Sousa, surge Pelezinho, que é inspirado no real jogador de futebol, baseado na infância do atleta para a criação do personagem. O jogador ainda deu sugestões e reminiscências que contribuíram neste faz de conta.

Depois da criação, o personagem apareceu pela primeira vez em publicações de tiras diárias nos jornais em 1976, logo depois, em agosto de 1977, após o jogador se aposentar, o garoto craque de bola virou título de uma revista em quadrinhos, lançada pela Editora Abril e que circulou até 1986. Pelezinho, curiosamente, foi o terceiro personagem a ganhar um gibi próprio.

As histórias deste personagem não tinham nenhum compromisso com a pressão do politicamente correto que existe atualmente em qualquer coisa que se diga ou faça. Representavam apenas a celebração de ser criança, mostrando o mundo infantil como ele realmente se descortinava diante dos pequeninos olhos daqueles leitores.

Acerca da utilização do esporte mais popular do Brasil, observa-se:

O futebol “é um poderoso instrumento de integração social”, através do qual “a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”. Este esporte resolve simbolicamente as desigualdades econômicas habituais, sendo, por tal motivo, o modo pelo qual uma parcela significativa dos brasileiros de todas as classes quebra a hierarquia cotidiana. (GUTERMAN, 2004, 268).

O que comprova a força desses personagens é o fato de que nunca contracenaram com a Turma da Mônica. Eles formavam um núcleo à parte que, sozinho, tinha poder suficiente para se sustentar sem o apoio das principais criações de Maurício de Sousa, a exemplo do que acontece com Chico Bento (personagem que representa o homem do campo) e seus companheiros da Vila Abobrinha (localidade onde vivem).

O cartunista também passeou por algumas datas e fatos históricos do Brasil, quando ilustrou a escravatura e a sonhada e consagrada abolição, e outras ilustrações nessa linha (a lei



do ventre livre, lei dos sexagenários, e, a venda de negros pelos próprios negros), e ainda, desenhos sobre o surgimento e difusão da capoeira em nosso país, retratando também, os feitos de Zumbi dos Palmares nos quilombos.

Quanto ao exercício e a concordância, Ferreira (2000), aponta que a categoria identidade, além de pessoal, é fundamentalmente social e política. É considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se auto reconhece e constitui-se, estando em constante transformação e construída a partir das relações que ele estabelece consigo mesmo, com o outro e com o ambiente à sua volta.

Continua o autor, a categoria identidade é efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, influencia sua autoestima e sua maneira de existir. Nesse sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática da pessoa negra, o conhecimento da maneira como ela desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos nos quais é discriminada negativamente.

Trazendo à tona a contemporaneidade, Mauricio de Sousa, em 2017, nas perspectivas negras, apresenta outra personagem, Milena, que inicialmente apareceu em histórias da Turma de Mônica, e que agora tem o seu próprio protagonismo, e nas palavras do cartunista que mesmo já tendo criado personagens negros não pensou em diferenças, uma vez que na sua infância isto não ocorria.

Qual criança não teve dificuldade para se enturmar depois de uma mudança? Cheia de personalidade, Milena participará de grandes aventuras com Mônica, Magali e Marina. Filha de uma veterinária, ela se envolverá bastante em histórias com os bichos de estimação de toda turma, mas também com alguns animais abandonados que irá acolher. Mauricio de Sousa explica que a concepção da personagem "exigiu um trabalho maior para vir à luz".

Nos quadrinhos também são feitas referências à literatura nacional, quando faz a ilustração da obra O navio negreiro de Castro Alves, e, às lendas e folclores brasileiros, nos desenhos alusivos ao Saci e O negrinho do pastoreio, personagens da cultura do nosso país, mostrando a importância da análise e interpretação de textos, salientando a riqueza de escritos e traços que temos em nosso acervo pátrio, o que auxilia na construção do pensamento social.

Santos (2013), aponta que a literatura é vista como um dos elementos que almeja uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade ao evidenciar crenças e percepções pessoais, possibilitando que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo.

Partindo do propósito de ler, a literatura tem um papel de suma excelência para a sociedade, visto sua essência, em proporcionar momentos prazerosos, “viagens”, no tempo e

espaço, além de auxiliar no avanço racional do indivíduo, promovendo a criticidade e abrindo a mente para a visualização de novos horizontes. Assim, ressalta-se a presente observação:

“Com esse instrumento, confia-se ser trabalhada, também, por meio de uma estratégica mais contextualizada, a motivação dos alunos a qual se instaura como uma condição importante no desenvolvimento de leitores eficazes. Dessa forma, considera-se que uma nova dinâmica em relação ao papel da leitura pode vir a ser instaurada, e é essa nova prática que educadores e pesquisadores na área da leitura estão querendo estimular”. (DONATO, 2015, 36).

Ainda que no Brasil a prática da leitura não seja algo corriqueiro, pela pouca prática deste hábito, os professores buscam incentivar os alunos, por ser essencial e para que isto os ajude na assimilação das informações na época em que vivemos, com indivíduos criativos e tenham a possibilidade de tornarem-se autônomos do seu conhecimento e manter a comunicação e socialização com todos na sociedade contribuindo assim a exercer a cidadania de forma ética e com valores.

Na busca de possibilidades e avanços na conquista do conhecimento, salientando a contemporaneidade e seus temas atuais, e ainda, permitindo ao leitor dos quadrinhos, e públicos afins, uma leitura e concepções sobre mundo e meio, diferente daquelas propostas de formas tradicionais, engessadas ou que seguem rigorosamente à uma norma ou princípio, permitindo aqui uma nova forma de se construir o conhecimento.

Andrews (2015, 156) afirma que “a educação é universalmente reconhecida como uma área fundamental para a justiça social e como um dos mais poderosos determinantes de desigualdades e hierarquia social”. Buscando assim apontar para uma possibilidade de se encontrar caminhos que possam diminuir as diferenças existentes entre as classes sociais. Para efeito, há uma observação pertinente:

“A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas”. (GOMES, 2003).

O papel do professor no passado era somente de um repassador de informações, na qual os estudantes eram “domesticados” para serem indivíduos obedientes e sem consciência crítica. Atualmente o papel do professor é fazer com que os estudantes sejam criativos e tenham a possibilidade de tornarem-se autônomos do seu conhecimento e manter a comunicação e socialização com todos na sociedade contribuindo assim a exercer a cidadania de forma ética e com valores.

Pode-se também serem discutidas num trabalho multidisciplinar na escola, e também, propor alternativas ao processo educativo, no que tange a escolarização e todos os seus aspectos, o processo de ensino, os métodos de ensino, e, o sistema de avaliação da aprendizagem.

Em sala de aula, também poderão ser observados e notados: a concepção e entendimento sobre mundo e o meio em que a criança/adolescente vive, conceitos, definições e evoluções aos diferentes temas presentes em seu cotidiano, o auxílio do conhecimento da escrita e da leitura, e, a formação do indivíduo transformador de sua realidade e protagonista da sua própria história.

No que tange ao trabalho multidisciplinar, objetiva-se questões e debates referentes à: localização geográfica, momentos e marcos na história da civilização, mobilidades sociais, práticas corporais nos esportes e nas danças e outras manifestações rítmicas, também, a comunicação e expressividade na nossa língua e em idioma estrangeiro.

As relações etno-raciais foram e são apontadas pelo desenhista, e suas histórias trazem ao longo destes tempos, personagens e situações vividas por representantes negros e suas famílias, indicadores sociais recorrentes e sentidos pela etnia afrodescendente, a construção de valores de inclusão e igualdade, os avanços e conquistas percebidos nas distintas camadas sociais de nosso país quanto ao preconceito e o racismo.

Ensejando com o propósito deste presente trabalho, perspectivas negras nos quadrinhos de Mauricio de Sousa: possibilidades ao processo de ensino e escolarização, é que se faz aqui, um convite à uma reflexão, ou mais, acerca da transmissão do conhecimento, troca de experiências, vivências com a temática sugerida, numa forma distinta e diferenciada do que pode ser chamado de aprender.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Elbert. **Que “negro” é esse nas histórias em quadrinhos? Uma análise sobre o jeremias de Maurício de Sousa.** 2018, 15 f. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br> Acesso em: 25 abr. 2020.

ANDREWS, George Reid. **América afro-latina: 1800-2000.** São Carlos: EdUFSCar, 2015. 318 p.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno.** 2015. 18 f. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br> Acesso em: 10 abr. 2021.

ARENA, Dagoberto Buim; LOPES, Naiana Rufino. **PNBE 2010: personagens negros como protagonistas**. 2013. 27 f. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: 25 abr. 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003. 64 p.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000. 115 p.

DONATO, Marcelle Santos Rosa. **Leitura e criticidade: uma proposta de intervenção metodológica por meio da aplicabilidade de textos autênticos no ensino-aprendizagem da língua inglesa no contexto público de ensino**. 2015. 156 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus I, Vitória da Conquista, 2015.

**CULTURA ALTERNATIVA. A importância da representatividade da cultura negra nos quadrinhos**. 2020. Disponível em: <https://culturaalternativa.com.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC, 2000. 188 p.

GOMES, Nilma Lino **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 200 p.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. 2003. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) Acesso em: 10 abr. 2021.

GUTERMAN, Marcos. **Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar**. 2004. 13 f. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

HALL, Stuart. **The Work of Representation**. In: \_\_\_\_\_. **Representation, Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997. 408 p.

LOPES, Romildo Sergio. **Representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos**. 2012. 15 f. Disponível em: <http://www.intercom.org.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

MADEIRA, Zelma.; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo**. 2018. 17 p. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

MARTINS, Evaneide Dourado; MOURA, Anaisa Alves de; BERNARDO, Anacléa de Araújo **O processo de construção do conhecimento e os desafios do ensino-aprendizagem**. 2018. 14 f. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizador precedido pelo retrato do colonizado**. Trad. Ronald Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 192 p.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. 344 p.

**Para uma história do negro no Brasil.** – Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 65 p.

PORTILHO, Osmar. **Negra e amiga dos animais: Quem é Milena, nova personagem da "Turma da Mônica".** 2019. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br> Acesso em 14 ago. 2019.

RAMONE, Marcus. **Pelezinho: a história de um craque dos gibis. 2007.** Disponível em: <http://www.universohq.com> Acesso em: 14 ago. 2019.

SANT'ANA, A. O. de. **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 206 p.

SANTOS, Alessandra Rufino. **A importância da literatura na construção do pensamento social brasileiro.** 2008. 10 f. Disponível em: [revista.ufr.br](http://revista.ufr.br) Acesso em: 25 abr. 2020.

SANTOS, Veronice Francisca dos; SANCHES, Isabelle. **Educação e Saúde: Perspectivas para a Autoestima de Crianças Negras no Processo de Escolarização.** 2011. 13 f. Disponível em: [www.revistas.usp.br](http://www.revistas.usp.br) Acesso em: 25 abr. 2020.

SILVA, Isabel da.; GARCIA, Miliandre. **O movimento negro no período de ditadura militar e a música no Brasil.** 2013. 19 f. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

SILVA, Teresa Cristina. **Relações étnico-raciais no cotidiano da criança negra: perspectivas e possibilidades na educação infantil.** 2018. 12 f. Disponível em: <http://editorarealize.com.br> Acesso em: 14 ago. 2019.

TAVARES, Marcus. **O negro nas revistas em quadrinhos. 2020.** Disponível em: <http://revistapontocom.org.br/> Acesso em: 14 ago. 2019.

TURMA DA MÔNICA WIKI. **Jeremias.** 2017. Disponível em: <https://monica.fandom.com/> Acesso em: 14 ago. 2019.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Os negros nas histórias em quadrinhos de super-heróis.** 2013. 23 f. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/> Acesso em: 8 abr. 2021.